

O SEGREDO DOS BÓRGIAS



O LIVRO FECHADO

WILLIAM LE QUEUX

O SEGREDO DOS BÓRGIAS



O LIVRO FECHADO

Tradução
Gabriela Peres Gomes



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
*The closed book - concerning the secret
of the Borgia*

Texto
William Le Queux

Tradução
Gabriela Peres Gomes

Revisão
Nair Hitomi Kayo

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação
Linea Editora

Design de capa
Ana Dobón

Imagens
Unholy Vault Designs/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Q5s	Queux, William Le
	O segredo dos Bórgias: O livro fechado / William Le Queux ; traduzido por Gabriela Peres Gomes. – Jandira, SP : Principis, 2021. 320 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)
	Tradução de: The closed book: Concerning the secret of the Borgias ISBN: 978-65-5552-551-9
	1. Biografia. 2. Bórgias. I. Gomes, Gabriela Peres. II. Título. III. Série.
2021-2231	CDD 920 CDU 929

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Biografia 920
2. Biografia 929

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Que diz respeito principalmente a um corcunda.....	7
O padre e o livro	15
No qual o prior é misterioso	24
Junto a um mar calmo	31
Mostra algo suspeito	39
A abertura do Livro.....	47
Fólios proibidos	57
Que diz respeito à servidão de uma mulher	65
A opinião do Doutor Pellegrini	73
Atravessando a Europa	81
A velha senhora de Paris	89
O sinal do filhote de urso	97
O que os vigilantes viram	106
O conselho de amigos	114
O segredo do velho monge.....	122
Continuação do relato	130
Contém conhecimento proibido	139
Lady Judith se manifesta.....	146
A mão e a luva.....	155
Walter Wyman junta-se a mim.....	160
Fazemos uma investigação preliminar	164

O que aconteceu em Crowland.....	172
Táticas do inimigo	180
Frustrados.....	187
O que havia dentro do baú enterrado.....	193
Uma descoberta em Harpur Street.....	200
Se você soubesse a verdade	207
A estranha de preto	215
Algumas explicações	222
Humores de um grupo de hóspedes	230
Sob a força	239
O major declara algo	247
O sol brilhará?.....	254
O touro vermelho dos Bórgias.....	264
O que nós encontramos em Threave	273
Mostra a localização exata em Crowland.....	281
No qual eu adentro a casa misteriosa	291
O cômodo do filhote de urso.....	298
Contém a história do conde de Glenelg.....	305
Por meio do qual o livro permanece aberto.....	315



Que diz respeito principalmente a um corcunda

Esses fatos estranhos nunca teriam sido registrados, nem este capítulo emocionante de uma vida atribulada teria sido escrito, se não fosse por duas razões: a primeira porque a descoberta que fiz foi considerada de grande importância para cientistas, bibliófilos e para o mundo como um todo; e, a segunda, porque é o desejo de minha querida esposa, que, a fim de ser expiada aos olhos de amigos e inimigos, não quer que nada seja escondido, desvirtuado ou ocultado.

De fato foi um dia memorável aquele em que parei diante da casa branca e quase desprovida de janelas do prior da San Sisto e bati duas vezes na porta lisa e pintada de verde. A cidade de Florença, fustigada pelo sol e suavizada pelo tempo, estava silenciosa, reluzente e deserta na tarde escaldante de um dia de julho. Os florentinos haviam fugido para as montanhas em busca de ar. As persianas, ou cortinas, estavam baixadas por toda a parte, as lojas fechadas, as pessoas cochilando e o silêncio sendo quebrado apenas pela

melodia cálida das cigarras chilreando nas árvores ressequidas no fim do extenso rio Arno.

Como muitas outras cidades da Toscana, esta se assomava com longas fileiras de palácios altos com afrescos esculpidos de frente para o rio marrom, com seu magnífico domo e campanário, as ruas pitorescas do século XIV e a Ponte Vecchio medieval, todos constituindo uma relíquia lúgubre e imponente das glórias de outrora. Em muitos pontos, seu aspecto pouco havia se alterado desde os tempos do antigo *quattrocento*, quando era o centro de todas as artes e a poderosa rival de Veneza e Gênova, embora seu comércio tenha decaído e seu poder, partido. O Leão e a Flor-de-Lis de Florença estampados em uma bandeira não são mais temidos como o eram antigamente, nem mesmo pelos corsários sanguinários, e os ricos brocados, veludos e armas finamente revenidas florentinos não estão mais sendo solicitados nos mercados ao redor do mundo.

À parte da afluência de turistas, é uma das cidades mortas da Europa. O comércio moderno passa despercebido; seu próprio nome seria esquecido se não fosse por aquelas maravilhosas obras de arte em suas galerias e ruas.

Sempre amei a pitoresca e antiga cidade, desde que era criança, quando meu pai, um oficial aposentado da marinha britânica, morava naquela casa antiga com afrescos marrons na via di Pinti, em épocas passadas, antes de os bondes a vapor estridentes terem chegado a Prato ou de o esplêndido Palazzo Riccardi ter sido profanado pelo governo. Aos 14 anos de idade, parti daquelas ruas pitorescas e tranquilas, com suas lógias frescas e pátios silenciosos e revestidos de musgo, e segui rumo à agitada Paris, e em seguida morei e trabalhei em Londres. Então, depois de uma ausência de quase vinte anos, voltei a morar em minha amada Toscana, perto do Mediterrâneo, em Livorno, a cerca de sessenta quilômetros da cidade medieval da minha infância. Seria, portanto, surpreendente que o ânimo com frequência me impelisse a revisitar os antigos lugares que conheci quando era menino? Encontrei-os todos inalterados – na verdade, nada muda em “Firenza la

O SEGREDO DOS BÓRGIAS: O LIVRO FECHADO

Bella”, exceto as fortunas de sua nobreza arruinada e a profusão de hotéis extravagantes para acomodar estrangeiros.

Eu era uma espécie de antiquário e, ao longo de muitos anos, vim colecionando manuscritos medievais em pergaminho, capítulos antigos, diplomas, escrituras públicas e documentos do tipo, nenhum datando de período posterior ao século XV. Devo admitir que decifrar o trabalho dos antigos escribas é uma tarefa demasiado enfadonha; no entanto, é um trabalho do qual se passa a gostar, e o paleógrafo é sempre um entusiasta. Nos passatempos, deve-se sempre combinar vantagem e diversão e buscar obter lucro com algo prazeroso.

Minha coleção de pergaminhos recendendo a mofo e rolos de documentos de velino dobrados, com seus formidáveis lacres de cera ou chumbo; de pesados livros de velino encadernados em tábuas de carvalho e relevos de bronze, ou minúsculos livrinhos missais com iluminuras, escritos tão diminutamente que quase se fazia necessário usar um microscópio para lê-los, não era atrativa para muita gente. A maioria dos meus amigos os considerava apenas livros e pergaminhos antigos e indecifráveis, sem interesse e sem valor. Eles se perguntavam se, estando continuamente ocupado escrevendo romances em minha escrivania, eu deveria assumir uma tarefa tão maçante.

Tinha sido esse amor por colecionar que me levava a conhecer Francesco Graniani, um velhinho corcunda excêntrico, que era uma espécie de vendedor de antiguidades itinerante. Com a barba por fazer, muito maltrapilho e não particularmente limpo, trajava sempre o mesmo terno desbotado e sem graça, e, fosse verão ou inverno, usava o mesmo chapéu de palha descorado pelo sol desde que o conheci, anos antes.

Frequentemente, essa figura estranha e bastante trágica me encontrava nas ruas ensolaradas de Livorno, erguia o chapéu surrado de forma respeitosa e, levando-me para um canto, tirava misteriosamente de seu bolso uma carta em pergaminho lacrada, algumas folhas de um saltério

medieval, ou talvez um códice com iluminuras, ou então um livro missal com miniaturas pintadas. Onde ele conseguia tais preciosidades, não descobri até hoje. Ninguém sabia quem era o velho ou onde morava; ele era um completo mistério.

Certa manhã, ao cruzar a grande praça, encontrei-o e ele me informou, com seu jeito estranho e misterioso, sobre a existência de um manuscrito muito raro e interessante que estava em posse do prior da antiga igreja de San Sisto, em Florença.

– Se o *signore* for para *Firenze*, o padre Landini sem dúvida permitirá que veja o livro de pergaminhos – declarou ele. – Diga a ele que este é o desejo de Francesco Graniani.

– Mas do que se trata o manuscrito? – perguntei.

– Não sei nada quanto a isso – respondeu de forma evasiva –, exceto que acredito que um dia já pertenceu ao Mosteiro de Certosa. Fiquei sabendo disso ontem à noite e pensei que talvez pudesse ser de seu interesse.

Certamente era. Qualquer descoberta desse tipo sempre me atraiu – estava constantemente à procura de um único fólio original de Dante.

Com o intuito de analisar o tesouro paleográfico, no dia seguinte peguei o trem para Florença e, uma hora depois de minha chegada, bati com certo receio na porta verde do prior.

A comprida igreja cinza, uma das mais velhas daquela antiga cidade, ficava em uma pequena praça ao lado da via San Gallao, e era contígua à casa do prior, uma construção comprida e baixa do século XIV, com janelas altas em cruz e um maravilhoso jardim do velho mundo na parte dos fundos.

Em resposta às minhas batidas, apareceu uma empregada magra, de rosto amarelo e língua afiada, e quando perguntei sobre o padre, fui imediatamente convidado a entrar em um grande salão de pedra, fresco e escuro, comparado ao sol radiante do lado de fora.

– Macacos me mordam! Teresa, quem veio me incomodar agora? – ouvi um homem perguntar com raiva de uma porta no fim do corredor escuro.

O SEGREDO DOS BÓRGIAS: O LIVRO FECHADO

– Eu não disse a você que só estaria em casa depois da missa de amanhã? Mas que raios, Teresa!

Gaguejei um pedido de desculpas para a mulher de rosto encovado, mas no mesmo instante vi emergir da sala uma figura enorme, quase gigantesca, trajando uma longa batina preta e um barrete.

– Ah, *signore*? – chamou-me em tom de desculpas assim que me avistou.
– Faça o favor de me desculpar. Tantos dos meus pobres vêm aqui suplicar que às vezes sou obrigado a fingir que não estou. Entre! Entre! – Então, voltou-se para a governanta e acrescentou em tom de censura: – Teresa, que falta de modos a sua! Como pôde deixar este cavalheiro parado no corredor como um mendicante? O que o *signore* deve estar pensando... e é estrangeiro, ainda por cima!

Em um instante, eu e o reverendíssimo Bernardo Landini já havíamos nos tornado amigos. Percebi que ele era completamente genuíno, uma estranha mistura de bom companheirismo e piedade. Suas proporções eram colossais. O rosto bem barbeado era perfeitamente redondo, revigorado e de compleição quase juvenil. Os olhos escuros cintilavam de alegria, a barriga era enorme e trazia a indicação muda de um apetite saudável. A mão grande tinha um aperto vigoroso e, ao falar, o homem aspirava seus “e’s”, o que indicava que era um florentino de nascença.

Depois que expliquei que meu nome era Allan Kennedy e que ficara sabendo dele por meio do giboso de Livorno, o homem pegou uma grande caixa de rapé de chifre, abriu-a ruidosamente e me ofereceu uma pitada.

– Ah! – comentou. – O *signore* é britânico, mas ainda assim fala tão bem o nosso toscano?

Agradei o elogio e contei a ele que havia passado a juventude em Florença, e era quase um florentino de coração.

Isso o agradou imensamente e, a partir do momento que insinuei meus gostos por antiguidades, ele se pôs a tagarelar como um entusiasta.

O cômodo em que eu estava, escurecido por suas cortinas fechadas, era certamente estranho, pequeno e tão abarrotado de antiguidades de todos

os tipos e formatos que mal havia espaço para se mexer. Sobre a velha escrivaninha imperial em que ele se sentara, havia um pequeno crucifixo de latão de aparência requintada, e ao redor pendiam antigas pinturas de cunho religioso – santos, *pietàs*, retratos do Redentor e uma porção de telas grandes estendendo-se do chão ao teto, evidentemente de altares de igreja. As cadeiras eram do século XV, pesadas, maciças e revestidas de couro estampado; as mesas eram da época do Renascimento; e o perfeito caos de objetos de arte valiosos armazenados ali era, para um colecionador como eu, absolutamente desconcertante.

E no meio de tudo isso, sentado à sua mesa, estava o clérigo corpulento e sorridente, vez ou outra enxugando a testa com um grande lenço vermelho, recostando-se na cadeira para rir e conversar comigo.

Porém, quando mencionei que havia sido enviado pelo velho corcunda de Livorno, sua expressão ficou séria de súbito e, com um suspiro baixo, ele disse:

– Ah, pobre Francesco! Pobre camarada!

– Você o conhece bem, *signor priore* – comentei. – Conte-me sobre ele. Estou muito ansioso para saber quem e o que ele realmente é. Ele sempre foi um mistério para mim.

Mas o prior robusto meneou a cabeça e respondeu com uma voz bastante dura:

– Não, *signore*. Lamento, mas minha boca é um túmulo.

Sua resposta foi estranha e me levou a suspeitar de que meu novo amigo estava envolvido em algum segredo sério. Portanto, percebendo que sua decisão era resolvida, abandonei o assunto, embora estivesse mais interessado do que nunca no velho excêntrico e deformado que me intrigava havia tanto tempo.

Meu amigo, o padre, me levou para conhecer sua esplêndida coleção e me mostrou uma verdadeira confusão de antiguidades valiosas: uma Madonna de Andrea del Sarto, uma Sagrada Família de Tintoretto, um exemplar pequeno, porém primoroso, daquela arte perdida de Luca della

Robbia, e uma miríade de tapeçarias velhas, artigos de ferro medievais e móveis entalhados.

Em um cômodo adiante estava armazenada uma coleção esplendorosa de armaduras florentinas: elmos, peitorais, manoplas e lanças de cavalaria, com uma pilha de espadas antigas, rapieiras e punhais. Apanhei vários itens para examiná-los e descobri que eram, sem exceção, obras esplêndidas de armeiros espanhóis, e na maioria das lâminas bem temperadas se viam os símbolos conhecidos de Blanco, Martinez, Ruiz, Tomas e Pedro de Lezama.

Alguns dos exemplares eram maravilhosamente incrustados com latão e cobre; e a coleção parecia ser expressiva, variando das espadas de punhos em cruz dos etruscos até as finas rapieiras espanholas do século XVII.

Um terceiro cômodo, ainda mais adiante, era o quarto do padre, e até mesmo este estava tão apinhado de curiosidades e quinquilharias que mal havia espaço para entrar.

Acima da pequena cama estreita havia um crucifixo antigo de bronze, posicionado sobre um fundo de madeira entalhada coberto com brocado roxo antigo, ao passo que as paredes caiadas de branco estavam quase escondidas atrás da profusão de pinturas religiosas. O piso de tijolinhos vermelhos não tinha carpete, assim como o de todos os outros cômodos; mas toda a mobília era velha, e sobre as cadeiras amontoavam-se sedas e veludos dos teares genoveses do século XVII – uma profusão fantástica de relíquias das antigas glórias da Itália.

O prior sorriu diante das minhas exclamações de surpresa enquanto, com um olhar penetrante e perscrutador, eu analisava com entusiasmo cada objeto. Então, quando comentei sobre o valor dos objetos de arte com os quais sua morada despreziosa estava abarrotada, ele respondeu:

– Fico muito feliz, *signore*, por você sentir tanto interesse pelas poucas coisas que tenho. Sou um entusiasta, assim como você, e talvez por conta de minha vocação, eu receba recursos excepcionais para colecionar. Aqui, na minha paróquia assolada pela pobreza, há muitas antiguidades armazenadas tanto nas cabanas quanto nos palacetes, e os *contadini* das zonas

rurais, mesmo além da comuna de Pistoia, preferem trazer seus tesouros a mim em segredo a oferecê-los diretamente ao penhorista.

– Mas Graniani me disse que você descobriu um manuscrito de caráter extraordinário. Tenho uma pequena coleção; sendo assim, poderia me conceder uma permissão para analisá-lo? – perguntei, abordando o assunto com cuidado.

– Certamente que posso – respondeu ele, após o que parecia um momento de hesitação. – Está no cofre de meu escritório. Vamos voltar para lá. – E segui sua silhueta corpulenta de volta ao pequeno cômodo onde ficava a escrivaninha com o crucifixo, sobre a qual estavam uma Bíblia pesadamente encadernada e um livro missal.

Mas enquanto eu seguia atrás dele, incapaz de ver seu rosto, fiquei surpreso com o tom do comentário que proferiu, como se estivesse falando sozinho:

– Então Francesco contou a você sobre o livro, é? Ah!

Falou como se sentisse uma raiva reprimida pelo fato de o velho corcunda excêntrico ter traído sua confiança.



O padre e o livro

O prior mais uma vez enxugou o rosto redondo com o lenço vermelho e, tirando uma chave do bolso, enfiou-a na fechadura do cofrinho antiquado. Alguns instantes depois, tinha em mãos o precioso manuscrito para minha análise.

Era um fólho grosso, encadernado em suas tábuas de carvalho originais, revestidas com um couro roxo e desbotado que havia desaparecido em alguns pedaços. Para maior proteção, foram adicionados grandes relevos de latão descorados, comuns nas encadernações do século XV, mas a madeira em si estava se deteriorando rapidamente; a encadernação tinha uma aparência tristemente gasta e surrada, e o pesado volume só parecia estar se mantendo inteiro graças ao grande fecho de latão.

O prior o colocou diante de mim na mesa e, com dedos ansiosos, desprendi o fecho e abri o livro. Assim que meus olhos recaíram sobre as folhas de pergaminho, reconheci que se tratava de um manuscrito muito raro e notável do século XIV, e de súbito fui invadido pelo desejo de tê-lo em minha posse.

Escrito pelo monge Arnoldus de Siena, era lindamente composto por caracteres góticos uniformes, com capitulares vermelhas e azuis, e